



Sobre a necessária delicadeza ou O vagaroso tempo da diferença

Oficina do vagaroso tempo, de Glória Azevedo

Luciana Borges*

Oficina do vagaroso tempo é apresentado em sua contracapa como um livro de contos de temática lesbiana. Como reunião da produção ficcional da escritora e professora Glória Azevedo, paraibana de Areia e residente em Palmas, no Tocantins, marca sua estreia na produção de contos, até então publicados apenas em sites de blogs de sua autoria. O livro também marca a pertença da autora a um lugar de fala bastante específico, a voz lesbiana na literatura. Nesse quesito, a obra junta-se a outras que se dedicam a preencher as lacunas dessa temática na ficção, uma vez que, como um “problema de gênero”, a homossexualidade feminina e temas lesbianos são tradicionalmente invisibilizados ou distorcidos, relegando-se as narrativas a um *locus* marginal, de subliteratura ou paraliteratura, como indica, por exemplo, o estudo de Cristina Ferreira-Pinto (1999). Outro estigma que paira sobre a literatura lesbiana é a erotização excessiva de cenas e personagens, herança da fetichização masculina, gestada na pornografia, sobre os corpos de mulheres que se relacionam erótica ou amorosamente com mulheres.

* Professora associada de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Goiás.

No entanto, o adjetivo presente na contracapa, como anúncio *a priori* de seus propósitos ou como portal que o leitor ou leitora deve atravessar com consciência do que pode vir a encontrar nos terrenos narrativos a serem explorados, não constitui uma indicação excludente para a recepção ou o público-alvo do texto, mas delimita a conformação identitária predominante nas personagens – no sentido que a identidade lésbica alcança na contemporaneidade – e as nuances das relações estabelecidas entre as mesmas. Trata-se de uma escritura que cria vozes narrativas que expressarão subjetivamente seus afetos, com suas falas não intermediadas nem por autoria nem por narração masculina. Recompôr essas vozes-mulheres, em termos da relação entre projeto estético-literário e político, significa comprometer-se também com a representatividade de um segmento social de mulheres nem sempre contemplado pelas principais bandeiras feministas.

Anunciada no título, a ideia de *oficina*, de trabalho de construção ou conserto, contínuo trabalho entre os dias e o tempo, indica que, para a maioria das personagens, estar no mundo como uma mulher que ama mulheres será algo como um devir, processo incessante de fazer-se e refazer-se no encontro com a outra. O conto homônimo ao título, por exemplo, acompanha um amor através do tempo, demarcando, na escolha de um estilo que poderia ser considerado neogótico, essas fissuras temporais e sociais por meio das quais o sujeito lésbico se estabelece em uma sociedade predominantemente heteroafetiva. Ao viajar pelo tempo, encontrando-se em épocas diversas, Carol e Valentina precisam justamente vencer o desejo de autoaniquilação e desistência, para se encontrarem definitivamente sem novas e sofridas separações. Talvez essa metáfora de um tempo vagaroso, mexendo lentamente suas engrenagens

oficinais, seja a expressão dos mesmos percalços que a literatura de expressão lesbiana encontra no campo literário.

As dezesseis narrativas, que transitam entre contos propriamente ditos, em que predomina o enredo linear, com fabulação e intriga definidas, e outros textos mais híbridos, que oscilam entre a crônica e o depoimento reflexivo, acompanham as existências de mulheres que se encontram e se desencontram, tendo como fio condutor dessa intrincada trama de acertos e desacertos os modos de ser dos afetos, o amor como costura de vidas e almas.

O tom, que às vezes pode soar um tanto romântico ou idealizado para uma leitora mais cética, com a projeção de encontros de corpos e mentes de modo a configurar o que Georges Bataille, em seu clássico ensaio filosófico *O erotismo* (2013), denominou continuidade erótica, como em “Vishnu”, no próprio “Oficina”, ou em “A ilha de Marta”, pode ser transmutado em voraz ironia ao se contrapor aos ajustes demandados pelas rígidas amarras sociais, como em “18 de maio”, ou em fino e elegante desalento, como em “Eu não te amo mais” e “As coisas que o amor diz”. As narrativas podem também se expressar como a dolorosa trajetória de transformação de si, como em “Uma vida dividida” e “Dá licença, Adélia”, ou como materialização da violência contra sujeitos cujos corpos são considerados abjetos, como nos alerta Judith Butler (2003) a respeito do corpo lésbico, ao modo do estupro corretivo em “Luta pela sobrevivência”.

O corpo das mulheres, fadado ao silenciamento em uma sociedade patriarcal e falocêntrica, bem como em um campo literário heterossexista, é demonizado e monstrualizado, colocado em disputa e rivalidade com outros corpos-mulheres, como bem expressa “Carta de Medusa”, missiva em que a voz da mulher metamorfoseada em Górgona se dirige a Atena para cobrar-lhe explicações e apresentar

à deusa outras perspectivas sobre sua punição e assassinato: “você o protege para que ele possa vir sorrateiro destruir-me durante o meu sono, mas ele não vai me decifrar, não vai me vencer” (Azevedo: 2018, 140). E o questionamento maior: “E se eu, antes e sempre, preferisse deitar-me com você? Por que você não me viu? Por que me fez monstro e perdoou um deus estuprador?” (p. 138). A força das palavras de Medusa ecoa sobre quem lê e faz perguntar: até quando as mulheres pagarão pela beleza? Até quando as mulheres pagarão pelas relações heterossexuais impositivas? Até quando mulheres lésbicas pagarão com a solidão, com o desamor e o sofrimento por serem consideradas abjetas e inaceitáveis, até mesmo pelas próprias mulheres moldadas pelos valores masculinos?

A leveza e casualidade com que se dão alguns encontros nas teias narrativas dos contos talvez indique justamente essa necessidade de que os relacionamentos e as pessoas não heterossexuais não sejam tratados como uma excrescência social e moral, pessoas cujo amor não pode ser nomeado ou revelado à luz do dia ou à luz das palavras. Amores lesbianos são amores, sem adjetivos ou caracterizações que os margeiem ou isolem como algo incomum ou estranho, são parte da existência dos seres, como “experiência interior”, nos dizeres de Bataille (2013), e parte constitutiva da subjetividade dessas mulheres.

Talvez a inserção desses amores na banalidade do cotidiano, como quando se conhece uma nova colega de trabalho ou se pede uma vela emprestada a uma vizinha, seja um dos maiores méritos de *Oficina do vagaroso tempo*. Amores entre iguais, sempre considerados tão diferentes por uma sociedade heteronormatizada – afinal sexualidades e afetividades que prescindem do falo são vistas como anormais pela sociedade –, são retratados naturalmente, como amo-

res entre indivíduos que não são doentes nem pecaminosos. Pelo contrário, a delicadeza com que esses encontros são narrados pode contrastar com a crueza ou objetividade das relações em tempos de *tinder*, *grindr*, *femme* e outros aplicativos, ou mesmo revelar certa nostalgia da continuidade perdida. Afinal, por que não vislumbrar um mundo em que finais felizes sejam possíveis?

Talvez mesmo por isso, *Oficina do vagaroso tempo* seja um livro necessário, porque pode frustrar as expectativas por certo erotismo lésbico baseado na sexualização excessiva das relações entre iguais, distorcidas quase sempre pela sociedade moralista; ou a expectativa por desfechos sempre trágicos, como espelho da realidade violenta que circunda a população LGBTQI+.¹ Para concluir, o adjetivo lésbico, presente na contracapa, em vez de limitar ou direcionar, pode cumprir paradoxal função, pois, como diria Maria Teresa Andruetto, “a literatura não é necessariamente o lugar onde encontrar o igual, às vezes, é a única janela para se debruçar sobre o diferente” (2012, 75).

¹ A sigla é uma tentativa de abarcar as diversas possibilidades identitárias que se deslocam da matriz heterossexual e das identidades normativas: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais e todos os sujeitos identificados como não binários.

Referências

- ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução de Carmem Caccicarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- AZEVEDO, Glória. *Oficina do vagaroso tempo*. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA-PINTO, Cristina. “O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas”. *Revista Iberoamericana*, pp. 405-21, jun. 1999. Disponível em: <https://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/6082/6258>. Acesso em 01 jun. 2019.